

MARLO MORGAN

UMA MENSAGEM DO  
OUTRO LADO DO MUNDO

Tradução de  
Ana Mendes Lopes

alma  
dos livros



*Este livro é dedicado à minha filha, Carri,  
ao meu genro, Greg,  
aos meus netos, Sean Janning e Michael Lee,  
à minha neta, Karlee Ann,  
e à memória dos meus pais e do meu filho,  
Steven Montgomery Morgan.*



## ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| Agradecimentos.....                     | 13  |
| Introdução: Dez anos depois .....       | 15  |
| Nota da autora para o leitor .....      | 19  |
| <br>                                    |     |
| Ilustre convidada .....                 | 25  |
| Sem poder de voto .....                 | 33  |
| Calçado natural.....                    | 41  |
| Aos seus lugares, preparar, partir..... | 47  |
| Bem no alto.....                        | 59  |
| O banquete.....                         | 67  |
| O significado de segurança social ..... | 73  |
| Telemóvel.....                          | 83  |
| Chapéu para o deserto.....              | 89  |
| Jóias .....                             | 95  |
| Molho.....                              | 99  |
| Enterrada viva .....                    | 109 |
| Cura .....                              | 113 |
| Tótems .....                            | 123 |
| Aves .....                              | 127 |
| Costura.....                            | 129 |
| A medicina da música.....               | 133 |
| Caçador de sonhos.....                  | 137 |
| Jantar surpresa.....                    | 143 |
| Formigas sem chocolate .....            | 147 |
| À frente.....                           | 153 |
| O meu juramento .....                   | 161 |

|                                |     |
|--------------------------------|-----|
| O tempo do sonho revelado..... | 167 |
| Arquivos.....                  | 177 |
| Reconhecida .....              | 183 |
| Feliz não aniversário .....    | 187 |
| Arrastada .....                | 191 |
| Batismo.....                   | 195 |
| Libertação.....                | 199 |
| Um final feliz? .....          | 203 |

*Não foi o homem quem teceu a teia da vida, ele é apenas um dos  
seus fios. O que fizer à teia, faz a si próprio.*

Chefe americano, Seattle

*A única forma de passar numa prova é fazendo-a.*

*É inevitável.*

Ancião Cisne Negro Real

*Só depois de se cortar a última árvore. Só depois de se envenenar o  
último rio. Só depois de se pescar o último peixe. Só então descobrirão  
que não se pode comer o dinheiro.*

Profecia índia cree

*Nasci de mãos vazias,*

*Morrerei de mãos vazias.*

*Testemunhei a vida em toda a plenitude;*

*De mãos vazias.*

Marlo Morgan



## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus agentes literários, Candice Fuhrman, Kate Travers, Will Hinton e Anna Chlumsky, da HarperCollins, por esta edição comemorativa do décimo aniversário. A vocês, Jeannette e Carri, por nunca duvidarem de mim e estarem sempre presentes. Obrigada também ao Jake, que caminha ao meu lado ao longo deste percurso, e aos meus irmãos e irmãs australianos, principalmente a Barry Crush, Burnum Burnum e Alice Kelly.



## INTRODUÇÃO:

### DEZ ANOS DEPOIS

Desde a publicação inicial, este livro viajou um pouco por todo o mundo, depois de ter sido traduzido em mais de vinte línguas. Durante esse período, também viajei bastante enquanto autora, assim como o meu querido amigo Burnum Burnum, ancião da tribo Wurundjeri, que partilhou comigo os palcos de palestras e sessões de autógrafos através da América e da Europa.

Em 2001, como resultado desta obra, voltei à Austrália, depois de ter sido convocada pela líder feminina aborígine mais poderosa do continente, Alice Kelly, anciã e guardadora da lei e do conhecimento do seu povo, os Mutthi Mutthi do Sudeste da província de Nova Gales do Sul e conservadora da região dos lagos de Willandra. Ela apoiou o meu trabalho, levou-me a visitar a árvore do nascimento onde ela nasceu e pediu a minha ajuda para tentar retirar de um museu os restos mortais de uma princesa antiga conhecida como «Senhora do Lago Mungo». Tive o privilégio de estar ao lado desta sábia líder enquanto ela partilhava a sabedoria das mulheres aborígenes, e senti-me honrada quando se referiu a mim como uma guardadora merecedora e confiável das tradições secretas.

Recordo os olhos pretos e penetrantes da Alice fixados em mim quando respondi à pergunta que me fez: «Quão importante se tornou este livro na vida dos que o leram? Terão os pensamentos de um povo do deserto, que fala a sua própria língua e nunca abandona a segurança da sua terra, tocado no coração e na mente das pessoas que vivem no mundo exterior?»

Contei-lhe sobre um casal do Canadá, ambos confinados a cadeira de rodas, que leram o livro e se sentiram profundamente tocados pelo conceito dos jogos não competitivos – nos quais não existem derrotados, e todos podem sentir-se bem-sucedidos. Depois disto, criaram, manufaturaram e distribuíram jogos de tabuleiro para crianças que pretendiam atingir este propósito. Como resultado do sucesso, o casal ganhou o suficiente para se sustentar e proporcionou a milhares de jovens a oportunidade de aprenderem o valor das experiências em que todos são vencedores.

Conheci Lyle W. quando fui convidada como oradora principal de uma cerimónia de graduação numa prisão federal. A celebração marcava a conclusão de um programa de reabilitação de imagem positiva que um dos reclusos desenvolvera e que incluía várias mensagens do meu livro. Sozinho, Lyle ajudou centenas de homens dos quais a nossa sociedade já desistira. Pude testemunhar mais um evento que o meu poema apresentado há pouco resume com precisão: «Nasci de mãos vazias, Vou morrer de mãos vazias. Testemunhei a vida em toda a plenitude. De mãos vazias.»

Numa sessão de autógrafos, um pai contou-me que mantinha uma relação complicada com as duas jovens filhas. A família já fizera terapia, mas a interação continuava difícil. Entretanto, as raparigas leram este livro e puseram ao pai a questão de todos recebermos um nome à nascença, dizendo que, à medida que nos desenvolvemos, o nome pode já não ser o adequado, e que cada indivíduo devia ter a possibilidade de escolher um nome mais consentâneo com a pessoa que acredita ser. Embora para este homem extremamente másculo isto pudesse parecer um jogo um tanto idiota, concordou em adotar esse costume estrangeiro, e dado que era xerife, escolheu para si o nome de Atirador Arguto. A filha predileta, também sua companheira na carreira de tiro, escolheu Na Mouche. A outra, que ele considerava mais distante e irresponsável, decidiu que seria Luz do Sol Sonhadora. Ele afirmou depois que esse momento foi fundamental e a chave imediata

para a resolução das discórdias. Reconciliaram-se assim que o pai entendeu todas as coisas que a filha não lhe dissera em voz alta.

Outra senhora contou-me como abraçou a mãe moribunda enquanto ouviam a gravação deste livro pela terceira vez. Agradeceu-me, porque a mãe parecia ter encontrado a paz interior pela primeira vez na vida, e as suas últimas palavras foram uma citação do livro: «A eternidade é muito tempo. Eu sou a eternidade.»

Contei muitos episódios como estes à Alice. São simples, mas decerto valiosos. Falei-lhe das caixas que recebi de crianças em idade escolar com cartas e desenhos que descreviam os seus sentimentos acerca das diferentes culturas e do álbum coletivo enviado por uma escola para meninos com dificuldades motoras em que cada criança partilhou as viagens pelo seu interior. Há pessoas que mudaram de profissão porque esta obra as inspirou a largar empregos de que não gostavam e a procurar uma forma de contribuir para a sociedade através de algo que amam fazer. Os leitores referem-se frequentemente a esta alteração como o raspar da cobertura da vida e a descoberta do que é importante para cada um deles.

Entre 1994 e 2004 aconteceu muita coisa no nosso planeta. Três pessoas que amava profundamente deixaram-nos e entraram no reino dos Sonhos, regressaram à Eternidade; Burnum Burnum, Alice Kelly e o meu filho, Steve. Mas em 1996 o reino dos Sonhos fez chegar até nós uma bênção na pessoa da minha neta, Karlee.

Nós, enquanto indivíduos, e o mundo, enquanto entidade coletiva, continuamos a ver-nos perante muitos desafios e oportunidades para aprendermos as lições espirituais de que precisamos. Não tenho a certeza se a raça humana é agora mais pacífica ou mais responsável do que há uma década, mas noto um interesse renovado em preservar o meio ambiente, em conhecer profundamente as outras culturas e em trabalhar para um mundo sem guerras. Sou apenas uma entre tantos a tentar viver numa sociedade ocidental e a querer incorporar os ideais espirituais de um

povo antigo. A minha esperança é que o leitor leia esta história – pela primeira vez ou de novo – com a renovada inspiração do Povo Verdadeiro.

## NOTA DA AUTORA

Este livro foi escrito depois dos acontecimentos e inspirado numa experiência real. Como poderão perceber, não tinha propriamente um bloco de notas à disposição. Foi comercializado com a classificação de romance para proteger a pequena tribo aborígine de eventuais questões legais. Eliminei alguns pormenores para honrar amigos que não desejam ser identificados e para assegurar o secretismo da localização do nosso sítio sagrado.

Poupei-lhe uma visita à biblioteca incluindo informações históricas importantes. E também lhe posso poupar uma viagem à Austrália. As condições atuais dos aborígenes podem ser observadas de forma similar em qualquer cidade dos Estados Unidos, onde o povo de pele escura vive confinado em determinadas partes da sua cidade, mais de metade deles recebendo subsídio de desemprego. Os que têm trabalho desempenham maioritariamente funções subalternas, consideradas inferiores; a sua cultura parece perdida, como a dos nativos americanos, forçada a existir em espaços consignados e proibida durante gerações inteiras de ser celebrada na plenitude dos seus ritos sagrados.

Mas não posso poupá-lo a *Uma Mensagem do Outro Lado do Mundo!*

A América, a África e a Austrália tentam empenhar-se em melhorar as relações entre as raças. Mas algures no coração do interior australiano parece existir um grupo de pessoas único, vagaroso, firme e de coração antigo que não está preocupado com o racismo, mas sim com os outros e o meio ambiente. Entender melhor este pulsar é entender melhor o ser humano e a sua condição.

Este texto foi publicado inicialmente como uma edição de autor que se tornou bastante controversa. Depois de o ler, pode chegar a várias conclusões. Pode pensar que o homem a quem me refiro como meu intérprete talvez não tenha cumprido nos últimos anos as regras e obrigações cívicas referentes a censos, impostos, votos obrigatórios, uso de terras, licenças de prospeção, comunicação de nascimentos e óbitos, entre outras coisas. Ele também pode ter ajudado outros cidadãos tribais no não cumprimento de certas obrigações. Pediram-me que revelasse a sua identidade e que levasse um grupo de pessoas para o deserto para reproduzir a caminhada que fizemos. Recusei! Assim, o leitor pode pensar que ou sou culpada de ajudar estas pessoas a não cumprirem com as obrigações legais, ou que, como não mostrei os membros da tribo nem revelei a sua identidade, estou a mentir e a tribo não existe.

A minha resposta é: não sou porta-voz dos aborígenes australianos. Falo apenas em nome de uma pequena nação do interior que se denomina *Povo Selvagem* ou *Os Antigos*. Visitei-os de novo e regresssei aos Estados Unidos antes de janeiro de 1994. Voltei a receber a sua bênção e aprovação pela forma como geria a situação.

A si, caro leitor, quero dizer: parece que algumas pessoas pretendem apenas ser entretidas. Por conseguinte, se é assim, por favor, leia o livro, divirta-se e continue a sua vida como faria depois de assistir a qualquer espetáculo agradável. Para si, esta é uma obra de ficção pura, e por isso não ficará desiludido; verá que o seu dinheiro foi bem aplicado.

Se, por outro lado, é um leitor que consegue ouvir a mensagem deste livro, ela soará clara e forte aos seus ouvidos. Vai senti-las nas entranhas, no coração, no pensamento e até na medula. É que, compreende, podia ter sido o leitor o escolhido para esta caminhada, e acredite que desejei muitas vezes não ser eu a estar ali.

Todos nós temos experiências interiores com as quais podemos crescer; a minha aconteceu literalmente no interior da Austrália. Mas fiz o que qualquer pessoa faria, com ou sem sapatos.

À medida que virar estas páginas, espero que este povo possa tocar o seu coração. As minhas palavras podem estar em inglês, mas a sua verdade não tem idioma.

A minha sugestão é que prove a mensagem, que determine se o seu sabor é o indicado para si e que deite fora o que não lhe interessar; afinal, a lei do universo é mesmo assim.

Seguindo a tradição do povo do deserto, também escolhi outro nome para mim, um que reflete um talento novo.

Sinceramente,  
Língua Viajante



*Este livro é uma obra de ficção inspirada na experiência que vivi na Austrália. Podia ter acontecido em África, na América do Sul ou em qualquer outro lugar onde o verdadeiro significado de civilização ainda esteja vivo. Cabe ao leitor receber a sua mensagem a partir da minha história.*

M. M.



## *Capítulo Um*

# ILUSTRE CONVIDADA

**A**CHO QUE existiu alguma espécie de aviso, mas não o senti. As engrenagens já estavam em movimento. O grupo de predadores encontrava-se a quilómetros, à espera das presas. No dia seguinte, a bagagem que desfizera uma hora antes seria classificada como «por reclamar» e aguardaria no armazém, mês após mês. Seria apenas mais uma americana desaparecida noutra país.

Era uma manhã sufocante de outubro. Observava o caminho de acesso a um hotel australiano de cinco estrelas enquanto aguardava um mensageiro desconhecido. Em vez de encarar a espera como um aviso, o meu coração cantava de alegria. Sentia-me tão bem, tão entusiasmada, tão bem-sucedida e preparada. Interiormente clamava: «Hoje é o meu dia.»

Um jipe sem capota surgiu então na estrada circular do hotel. Recordo-me de ouvir os pneus a chiar no alcatrão fumegante. Uma fina camada de água salpicou a folhagem das plantas escova-de-garrafa que, com brilhantes flores vermelhas, rodeavam a estrada. O jipe parou e o condutor, um aborígene de trinta anos, olhou para mim.

– Vamos – disse, chamando-me com um aceno de mão. Ele procurava uma americana loura, e eu esperava ser acompanhada

até uma reunião tribal. Concordámos silenciosamente sobre o que se seguiria sob o olhar crítico e a postura reprovadora do porteiro australiano de olhos azuis, e de uniforme.

Antes de fazer um enorme esforço para entrar no veículo todo-o-terreno com os meus saltos altos, percebi que vestira roupa demasiado formal. O jovem condutor à minha direita estava de calções, *T-shirt* branca encardida e sapatilhas sem meias. Presumira que me mandariam um carro normal, talvez um *Holden*, o orgulho dos fabricantes australianos. Nunca imaginei que chegaria num carro tão grande e descapotável. Bem, preferia ir de modo mais formal, já que se tratava de um banquete para receber um galardão que me fora atribuído.

Apresentei-me. Ele limitou-se a assentir com a cabeça, como se soubesse quem eu era. Quando passámos pelo porteiro, este franziu o sobrolho. Atravessámos as ruas da cidade costeira, passámos por filas de casas com alpendres, por lojas de guloseimas e por parques de betão sem relva. Entrámos numa rotunda com seis saídas, e tive de me agarrar à maçaneta da porta. Quando tomámos nova direção, o sol batia-me nas costas. O fato cor de pêssego e a blusa de seda a condizer que comprara recentemente revelavam-se demasiado quentes. Presumi que o edifício em questão ficava do outro lado da cidade, mas estava errada. Entrámos na autoestrada principal e seguimos paralelamente ao mar. Pelos vistos, a reunião era fora da cidade, mais longe do hotel do que previra. Tirei o casaco e pensei em como fora tola em não fazer mais perguntas. Mas tinha uma escova na mala e o cabelo descolorado que me dava pelos ombros apanhado numa elegante trança.

A minha curiosidade não diminuía desde o primeiro telefonema, embora não possa dizer que me surpreendera. Afinal, já recebera outros reconhecimentos, e este projeto tivera um sucesso extraordinário. O meu trabalho com adultos aborígenes ou mistos, que viviam em centros urbanos e demonstravam tendências suicidas, conseguindo que alcançassem um certo sentido

de propósito na vida e sucesso financeiro, seria, mais tarde ou mais cedo, reconhecido. Fiquei surpreendida; a tribo que me convocou vivia a mais de 2200 quilómetros, na costa oposta do continente, mas, além dos comentários que escutara ocasionalmente, sabia pouco sobre as nações aborígenes. Desconhecia se eram um povo unido, ou se, à semelhança do que acontece com os nativos americanos, tinham diferenças vastas, incluindo línguas distintas.

Não sabia era o que iria receber deles: mais uma placa gravada que enviaria para o meu armazém no Kansas, ou talvez apenas um ramo de flores? Não, flores, não... com aquelas temperaturas tão altas. Seriam demasiado incómodas para levar no voo de regresso a casa. O motorista chegara pontualmente ao meio-dia, conforme combinado. Por isso sabia que a reunião incluiria almoço. Questionei-me sobre o que o conselho nativo nos serviria. Tinha esperanças de que não fosse um almoço tradicional australiano confeccionado por uma empresa qualquer. Talvez fizessem uma espécie de bufete e eu pudesse experimentar pela primeira vez a gastronomia aborígene. Estava à espera de encontrar uma mesa carregada de coloridos guisados.

Ia ser uma experiência maravilhosamente única, e ansiara por este dia decerto memorável. Na mala, comprada de propósito para a ocasião, tinha uma máquina fotográfica de 35 mm e um pequeno gravador. Não me haviam dito nada sobre microfones ou focos de luz, nem sequer se teria de discursar, mas preparara-me. Um dos meus melhores atributos era a capacidade de pensar em tudo, de pensar no futuro. Afinal, tinha cinquenta anos, já passara por embaraços e desilusões suficientes para adotar o hábito de ter um plano alternativo. Os meus amigos comentavam como era autossuficiente. «Ela tem sempre um plano B para tudo», consigo imaginá-los a dizer.

Um comboio de estrada (o termo australiano para um camião que puxa várias caixas como se fosse um comboio com diversas carruagens atreladas) passou por nós, mas na direção oposta. Espalhou ondas de calor que agitavam a estrada, mesmo no meio

da faixa de rodagem. Fui arrancada das recordações quando o motorista virou subitamente o volante para o lado esquerdo, saindo da autoestrada; entrámos numa estrada irregular de terra batida e seguimos durante quilómetros por entre uma nuvem de pó vermelho. A certa altura, as duas faixas de terra mais pisada desapareceram, e percebi que já não nos encontrávamos numa estrada. Andávamos aos ziguezagues por entre os arbustos e a transpor as pequenas colinas arenosas do deserto. Tentei estabelecer conversa com ele em várias ocasiões, mas o barulho do veículo descapotável, os arbustos que roçavam o chassis e os movimentos do meu corpo, que subia e descia consoante o terreno, tornavam a conversação impossível. Tive até de segurar nos maxilares com força para não morder a língua. Era evidente que o motorista não estava interessado em abrir os portais do discurso comigo.

A minha cabeça abanava como se eu fosse uma boneca de trapos nas mãos de uma criança. Estava com mais calor. Os *collants* pareciam ter-se derretido nos pés, mas tive medo de tirar os sapatos, não fossem saltar do carro para a planície cor de cobre que nos rodeava até onde a vista alcançava. Não tinha a menor fé de que o meu motorista mudo parasse o jipe para eu os apanhar. Sempre que os óculos de sol ficavam sujos, limpava-os à bainha da combinação. O movimento dos meus braços abria caminho a um rio de transpiração. Sentia a maquilhagem a dissolver-se e imaginava o tom rosado que pusera nas faces a escorrer-me em pequenos fios encarniçados pelo pescoço. Tinham de me dar vinte minutos para me arranjar antes da apresentação. Iria insistir nisto!

Olhei para o relógio; tinham-se passado duas horas desde que entrámos no deserto. Há muitos anos que não me lembrava de sentir tanto calor ou desconforto. O motorista continuava calado, à exceção de um ocasional murmúrio. De repente ocorreu-me que ele ainda nem se apresentara. Talvez eu não estivesse no veículo certo! Mas isso era uma tolice. Não podia sair dali, e ele parecia ter a certeza quanto à passageira.

Quatro horas depois, parámos ao lado de uma estrutura de chapas de metal ondulado. No exterior ardia uma pequena fogueira, e quando nos aproximámos, duas senhoras aborígenes levantaram-se. Eram de meia-idade, baixas, com pouca roupa e mostravam calorosos sorrisos de boas-vindas. Uma tinha uma faixa na cabeça que fazia com que o cabelo grosso, encaracolado e preto formasse ângulos estranhos. Pareciam ambas esguias e atléticas, com rostos redondos e olhos castanho-claros. Enquanto eu descia do jipe, o motorista disse:

– Já agora, sou o único que fala inglês. Vou ser o seu intérprete e amigo.

«Oh, que bom!», pensei. Gastei setecentos dólares no bilhete de avião, no quarto do hotel e em roupas novas para esta apresentação aos nativos australianos e agora descubro que nem sequer sabem inglês, quanto mais reconhecer as tendências da moda.

Bem, já que estava ali, mais valia tentar encaixar-me no ambiente, embora no fundo do coração soubesse que não seria capaz.

As mulheres falavam com tons de voz bruscos e desconhecidos que nem pareciam formar frases, apenas palavras soltas. O meu intérprete explicou-me que, para ir à reunião, tinha de estar limpa. Não entendi o que queria dizer. Claro que estava coberta de várias camadas de pó e afogueada da viagem, mas não me parecia que ele se referisse a esse tipo de limpeza. Entregou-me um pedaço de tecido, e quando o abri percebi tratar-se de uma espécie de pano para me embrulhar. Disse-me que tinha de despir as minhas roupas e usar aquele pano.

– O quê? – perguntei, incrédula. – Fala a sério? – Ele repetiu as instruções com secura. Olhei em redor, à procura de um sítio onde pudesse mudar de roupa; mas não havia. Que podia fazer? Já enfrentara uma viagem demasiado extensa, e aguentara tanto desconforto, para voltar atrás. O rapaz afastou-se e pensei: «Oh, que se lixe. Até vou ficar mais fresca.» Por isso, tirei as roupas novas sujas discretamente, dobrei-as num aprumado monte e pus

a nova indumentária nativa. Depositei a roupa em cima de um pedregulho ali próximo, que antes servira de assento às mulheres que nos esperavam. Sentia-me idiota com o novo trapo sem cor, e arrependi-me de ter investido na roupa nova para «causar boa primeira impressão». O jovem rapaz voltou a aparecer. Ele também mudara de roupa. Estava à minha frente quase nu, com um pano enrolado como se fossem calções de banho, e descalço, assim como as mulheres junto à fogueira. Mandou-me tirar tudo: sapatos, meias, roupa interior e todas as joias, até os ganchos que me prendiam o cabelo. A minha curiosidade desvanecia-se lentamente, e a apreensão tomava conta de mim, mas obedeci.

Lembro-me de enfiar as joias dentro de um dos sapatos. Também fiz uma coisa que acho bastante instintiva nas mulheres, embora tenha a certeza de que ninguém nos ensina a fazê-la: pus a roupa interior no meio da pilha.

Uma nuvem grossa de fumo cinzento ergueu-se das brasas escaldantes quando lhes acrescentaram erva fresca. A mulher que usava a faixa na cabeça pegou no que parecia uma enorme asa preta de um falcão e abriu-a como se fosse um leque. Agitou-a à minha frente desde o rosto até aos pés. O fumo formou redemoinhos que me deixaram sem ar. A seguir fez um gesto circular com o indicador que percebi que era para me virar de costas, e o ritual repetiu-se. Depois mandaram-me passar por cima da fogueira, por entre o fumo.

Disseram-me finalmente que fora limpa e que recebera permissão para entrar no abrigo de metal. Enquanto o homem cor de bronze me acompanhava até à entrada, vi a mesma mulher pegar na pilha dos meus pertences – segurou-a por cima das chamas, olhou para mim, sorriu e, quando os nossos olhos se cruzaram, largou os tesouros que tinha nas mãos. Todas as minhas coisas caíram no fogo!

Por um instante, o meu coração ficou dormente; inspirei profundamente. Não sei por que motivo não gritei em protesto, ou porque não desatei a correr para recuperar tudo. Mas não o fiz.

A expressão facial da mulher não indicava qualquer maldade; demonstrava antes hospitalidade para com uma desconhecida. «Ela é apenas ignorante», pensei. «Não entende a noção de cartões de crédito e documentos importantes.» Senti-me grata por ter deixado o bilhete de avião no hotel. Também tinha lá mais roupas, e havia de arranjar forma de atravessar o átrio com aquela vestimenta. Lembro-me de pensar: «Então, Marlo, és uma pessoa flexível. Não vale a pena arranjares uma úlcera por causa disto.» Mas tomei nota mental para mais tarde ir às cinzas procurar um dos anéis. Com alguma sorte, o fogo ia diminuir e apagar-se antes de regressar à cidade no jipe.

Mas isto era algo que não tinha de acontecer.

Só depois percebi a simbologia do ato de despir o que era tão valioso para mim e o que considerava serem joias imprescindíveis. Ainda não aprendera que, para este povo, o tempo não tem nada que ver com horas em relógios de ouro e diamantes, agora eternamente doado à terra.

Muito mais tarde, perceberia que a libertação do apego aos objetos e a certas crenças representava já um passo indelevelmente escrito e necessário no meu progresso humano em direção à *essência do ser*.